



Juliana Snobber

Criação de cabras no semi-árido pernambucano

CAATINGA**Preservação e uso racional do único bioma exclusivamente nacional**

À primeira vista, a Caatinga parece uma área seca e quente, com uma vegetação formada por cactus e arbustos contorcidos, onde apenas lagartos correm assustados de um lugar para outro. Essa imagem, marcada pelo traço original de Henfil, não faz justiça à rica biodiversidade, fundamental para o equilíbrio econômico da população local com seu potencial forrageiro, frutífero, medicinal, madeireiro e faunístico. A Caatinga é o único bioma exclusivamente brasileiro, ocupa 11% do território nacional e abriga uma fauna e flora únicas, com muitas espécies não encontradas em nenhum outro lugar do planeta.

“Já foram identificadas cerca de 1,5 mil espécies vegetais, mas estima-se que possam chegar a até 3 mil espécies na Caatinga. Diversas já se encontram ameaçadas de extinção, como a aroeira, jaborandi, jaborandi do ceará e baraúna, além de mamíferos como o veado catingueiro, preás, macacos, porco do mato, e aves como a ararinha azul, araponga do nordeste, jacutinga, além de répteis, anfíbios, peixes e insetos”, alerta Marcos Antônio Drumond, pesquisador da Embrapa Semi-Árido.

O mau uso dos recursos da Caatinga, porém, tem causado danos irreversíveis a este bioma, adverte. “O processo de desertificação já afeta cerca de 15% da

Caatinga”, informa o pesquisador. As conseqüências de anos de extrativismo predatório são visíveis: perdas irreversíveis da diversidade da flora e da fauna, acelerada erosão e queda na fertilidade do solo e na quantidade de água.

Drumond acrescenta que a utilização da Caatinga ainda é meramente extrativista. “No caso da pecuária, o superpastoreio de ovinos, caprinos, bovinos e outros herbívoros tem modificado a vegetação; o uso agrícola trouxe práticas desordenadas como desmatamento e queimada; mas a extração madeireira, para obtenção de lenha e carvão, é ainda mais danosa que a própria agricultura”, explica.

“Em levantamentos no interior de Pernambuco e Bahia, constatou-se, que várias indústrias alimentícias, calcinadoras, curtumes, cerâmicas, olarias, panificadoras, reformadoras de pneus e pizzarias utilizam espécies nativas como jurema preta, catingueira, baraúna, umburana-de-cambão, angico, sete-casas para produção de energia”. Drumond acrescenta, ainda, que existe uma grande concentração de indústrias de gesso nos municípios pernambucanos da Chapada do Araripe, que utilizam os recursos florestais como suprimento energético.

A riqueza e diversidade vegetal na Caatinga são muito maiores que a faunística, cuja predominância é de roedores. As principais espécies forrageiras encontradas são o angico, o pau-ferro, a catingueira, a catingueira rasteira, a canafistula, o marizeiro, o juazeiro, e



outras espécies arbóreas, como a jurema preta e o engorda-magro, além de frutíferas como o umbu e o licuri, que servem de alimento à população local. Algumas ações vêm sendo tomadas, como é o caso do projeto de avaliação e identificação de ações prioritárias para a conservação, utilização sustentável e repartição de benefícios da biodiversidade do Bioma Caatinga. Com relação ao projeto, Drumond diz que o seu objetivo é estabelecer áreas e ações prioritárias para a conservação da diversidade biológica na Caatinga, discutindo-se estratégias para promover a sua proteção e o uso sustentável dos recursos naturais. A íntegra dos documentos já produzidos será entregue ao Ministério do Meio Ambiente, dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal, e estará disponível para consulta na Internet.

Juliana Schober

AQUICULTURA

Manguezais e a produção de camarões

A expansão das fazendas de camarões no litoral brasileiro tem sido apontada como a causa de destruição dos manguezais, levando entidades ambientalistas a pressionar as autoridades governamentais a deter a expansão dessa atividade econômica no Nordeste. O Brasil detém a maior área de manguezais do mundo, atingindo 1,37 milhão de hectares. Marcos Rogério Câmara, pesquisador da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, argumenta que a carcinicultura desenvolve-se em áreas de baixo impacto ambiental, como terrenos salgados e tabuleiros arenosos. Ele atribui ao despejo de lixo e esgoto urbano e industrial a maior responsabilidade pela destruição dos manguezais na região.

Para Raúl Malvino Madrid, coordenador geral de Aquicultura do MAPA, essas propriedades são muito mais sustentáveis do que acusam os ambientalistas e representam um opção econômica para as populações locais. Madrid acrescenta que o Brasil tem potencial para se tornar o maior produtor mundial de camarões marinhos cultivados do mundo: extenso litoral (8,5 mil km) e condições ambientais excelentes para a criação do *Litopenaeus vannamei*, principal variedade adaptada no país.

Para o coordenador, um dos entraves para o desenvolvimento desse setor é a legislação, que coloca o cultivo de camarão marinho na ilegalidade. Em resolução aprovada pela Coordenadoria Nacional do Meio Ambiente, foram incluídas as áreas arenosas na definição de manguezal. Segundo Madrid, trata-se do entorno do mangue, mas a decisão torna ilegais os 8,5 mil ha em produção de camarões no litoral nordestino e impede a implantação de novos empreendimentos.

Os países asiáticos, maiores produtores de camarões e os que mais destróem os mangues, segundo a especialista filipina, Jurgenne Primavera, buscam soluções ambientais de convivência para não comprometer a marca anual de 750 mil toneladas de camarão. A especialista expôs, em palestra do Congresso Mundial de Aquicultura realizada em abril deste ano, na China, os números da devastação: na Tailândia foram desmatados 65,2 mil ha de manguezais para o cultivo de camarão; no Vietnã, 102 mil ha; e, em Bangladesh, 6,6 mil ha.

CAATINGA OCUPA 70% DO NORDESTE

A Caatinga estende-se pelos estados da Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Piauí e a região norte de Minas Gerais. Na cobertura vegetal das áreas da região Nordeste, a Caatinga representa cerca de 800 mil km², o que corresponde a 70% da região. A Caatinga é um tipo de vegetação constituída, especialmente, de espécies lenhosas de pequeno porte e herbáceas,

geralmente dotadas de espinhos, sendo caducifólias (que perdem suas folhas no início da estação seca), e de cactáceas e bromeliáceas. Recebe diversas denominações, como agreste, sertão, cariri, seridó, carrasco, entre outros. A expressão Bioma Caatinga é um termo abrangente para caracterização das diversas fisionomias da região Semi-Árida do Nordeste brasileiro (fauna, flora e geomorfologia).